



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III, CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ANTHÔNNY WILLIANS DE LIMA OLIVEIRA

**A FACE CRUEL DA INFÂNCIA: DESAFIOS NO COMBATE AO BULLYING NA REALIDADE
ESCOLAR BRASILEIRA**

**GUARABIRA/PB
2024**

ANTHÔNNY WILLIANS DE LIMA OLIVEIRA

**A FACE CRUEL DA INFÂNCIA: DESAFIOS NO
COMBATE AO *BULLYING* NA REALIDADE
ESCOLAR BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48f Oliveira, Anthônny Willians de Lima.

A face cruel da infância [manuscrito] : desafios no combate ao *bullying* na realidade escolar brasileira / Anthônny Willians de Lima Oliveira. - 2024.

26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH. "

1. Bullying. 2. Escola. 3. Práticas Pedagógicas. I. Título

21. ed. CDD 372.21

ANTHÔNNY WILLIANS DE LIMA OLIVEIRA


**A FACE CRUEL DA INFÂNCIA: DESAFIOS NO COMBATE AO BULLYING
NA REALIDADE ESCOLAR BRASILEIRA**

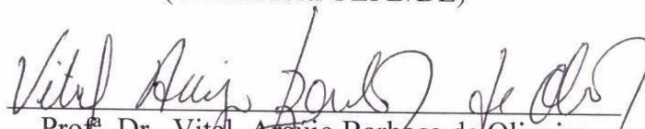
Trabalho de Conclusão de Curso(Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do Curso de Licenciatura de Pedagogia.


Área de Concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente

Apresentado em 12/06/2024

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr^a. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
(Orientadora/UEPB/DE)


Prof.^a. Dr. Vital Araújo Barbosa de Oliveira
(Examinador/UEPB/DE)


Prof^a. Dr^a. Luciana Silva do Nascimento
(Examinadora/UEPB/DE)

GUARABIRA

2024

A Deus, pelo apoio incondicional diante das
adversidades, DEDICO

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
1.1	Metodologia... ..	10
2	POR TRÁS DAS MÁSCARAS: DA DINÂMICA DO <i>BULLYING</i> AS CICATRIZES PSICOLÓGICAS... ..	11
3	DO CONFLITO À CONSCIENTIZAÇÃO DO <i>BULLYING</i>	16
4	CAMINHOS PARA A MITIGAÇÃO DO <i>BULLYING</i> E SUA REPRESENTAÇÃO NA CULTURA POPULAR	18
5	CONCLUSÃO.....	21
	REFERÊNCIAS.....	24

A FACE CRUEL DA INFÂNCIA: DESAFIOS NO COMBATE AO BULLYING NA REALIDADE ESCOLAR BRASILEIRA

Anthônny Willians de Lima Oliveira

RESUMO

O presente trabalho está alicerçado na temática de mitigação ao *bullying* nas escolas, um fenômeno que afeta negativamente a dinâmica escolar e o desenvolvimento psicológico dos envolvidos. No primeiro capítulo, intitulado "por trás das máscaras: da dinâmica do *bullying* às cicatrizes psicológicas", são abordadas as definições, causas e consequências do *bullying*, com ênfase nos impactos sobre agressores, vítimas e até mesmo observadores passivos. Para compreender melhor o fenômeno em estudo, partimos da seguinte questão norteadora: Um programa de intervenção educativa pode empoderar crianças e reduzir o bullying escolar? Partindo dessa premissa, lançamos como objetivo geral: analisar as possíveis estratégias de intervenção para reduzir sua ocorrência e mitigar os efeitos negativos do bullying no desenvolvimento infantil, e como objetivos específicos: a) Identificar as principais formas de bullying que ocorrem durante a infância; b) Descrever os tipos de bullying (físico, verbal, psicológico e cibernético); c) Explorar estratégias de prevenção e intervenção eficazes no combate ao bullying infantil. Este estudo se caracteriza por ser uma pesquisa bibliográfica e documental de cunho qualitativo utilizando-se de artigos científicos para sua construção. Como aporte teórico, foram utilizados os trabalhos de autores renomados como Ttofi (2011); Fante (2005); e Silva e Borges (2018), entre outros, que oferecem uma visão aprofundada e multifacetada do problema. Como resultados, verificamos que as estratégias adequadas podem minimizar o impacto que o bullying causa, conduzindo para que os indivíduos possam se desenvolver de forma mais saudável e segura.

Palavras-chave: Bullying. Escola. Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

This work is based on the theme of mitigating bullying in schools, a phenomenon that negatively affects school dynamics and the psychological development of those involved. In the first chapter, entitled "Behind the masks: from the dynamics of bullying to psychological scars", the definitions, causes and consequences of bullying are addressed, with an emphasis on the impacts on aggressors, victims and even passive observers. To better understand the phenomenon under study, we started with the following guiding question: Can an educational intervention program empower children and reduce school bullying? Based on this premise, we set out as a general objective: to analyze possible intervention strategies to reduce its occurrence and mitigate the negative effects of bullying on child development, and as specific objectives: a) Identify the main forms of bullying that occur during childhood; b) Describe the types of bullying (physical, verbal, psychological and cyber); c) Explore effective prevention and intervention strategies to combat childhood bullying. This study is characterized by being a bibliographic and documentary research of a qualitative nature using scientific articles for its construction. As a theoretical contribution, the works of renowned authors such as Ttofi (2011) were used; Fante (2005); and Silva and Borges (2018), among others, who offer an in-depth and multifaceted view of the problem. As a result, we found that appropriate strategies can minimize the impact that bullying causes, allowing individuals to develop in a healthier and safer way.

Keywords: Bullying. School. Pedagogical practices.

1 INTRODUÇÃO

O *bullying*, caracterizado como um fenômeno multifacetado, é uma forma de comportamento agressivo – com reiteradas condutas intimidatórias e de cunho repetitivo – que ocorre sem motivo óbvio, praticado por uma ou mais pessoas contra outra, buscando inferiorizá-la. No contexto brasileiro, especialmente, este fenômeno tem sido reconhecido como um problema sério em escolas, haja vista que tal percalço é mais frequente em âmbito escolar – local delegado ao desenvolvimento pessoal, cidadão e acadêmico dos educandos – o que acarreta sofrimento mental e dificuldades interpessoais nas construções identitárias de uma miríade crianças e adolescentes.

Em aspectos concernentes ao mundo hodierno, não há dúvidas de que o *bullying* é um fenômeno presente em todas as camadas sociais, bem como nas mais variadas esferas e lugares-comuns à vida cotidiana. De tal modo que tais ações são evidenciadas em um contexto em que há a prevalência de desequilíbrio de poder, acarretando notável desconforto, sofrimento e angústia para muito além dos indivíduos intrínsecos às práticas supracitadas – quer sejam vítimas, agressores, testemunhas ou até mesmo educadores. Contudo, devido às suas características singulares, não pode ser simplesmente rotulado como um mero tipo de violência escolar.

De tal modo que, dadas as perspectivas elencadas, tal tipo de atemorizamento não surge de um motivo específico e não se limita a conflitos comuns ou brigas entre estudantes, mas sim a atos repetidos de intimidação direcionados a vítimas vulneráveis e desamparadas, com a presença de espectadores que, por receio de também serem alvos de ações análogas no futuro, omitem-se em defender as vítimas. Portanto, para destrinchar as práticas de *bullying* ocorridas no ambiente escolar, a presente pesquisa desvela meios para abrandar tais circunstâncias, auxiliando, pois, os educadores a agirem diante das conjunturas apresentadas, com o intuito de depreciar esse comportamento agressivo – sobretudo em crianças, agentes em pleno desenvolvimento físico e cognitivo – e conscientizar sobre os danos causados - sobretudo a terceiros - e as penalidades previstas em lei para casos de violência física.

Há o perigo de confundir o comportamento de *bullying* com simples desavenças, brigas, entre crianças de idade ou tamanho semelhantes, em situações de igualdade, onde não há repercussões psicossociais duradouras, já que o comportamento agressivo é esporádico. No entanto, cabe ressaltar que o *bullying* se distingue pela repetição e desequilíbrio de poder entre os envolvidos, destacando a vulnerabilidade e falta de apoio da vítima, que se encontra desamparada. A falta de reconhecimento do *bullying* como forma de violência, afirmam os especialistas, alimenta a normalização da violência nas instituições de ensino e minimiza o sofrimento das vítimas. Ao negligenciar a violência, a escola deixa de tomar medidas para prevenir e combater

essa problemática. Os professores podem não intervir por diferentes motivos, um deles sendo a falta de conhecimento sobre como agir. Assim, soma-se ao fato das injustas agressões entre alunos, também a inexperiência dos professores diante dos conflitos que são inerentes ao comportamento humano resulta em uma desordem nas ações que a escola, enquanto formadora de cidadãos, deveria adotar.

Para tanto, a justificativa desta pesquisa baseia-se na premissa de que o *bullying* é um fenômeno amplamente difundido pelo globo. Assim sendo, na ampla maioria das ocasiões, a prática passa até mesmo despercebida pelos educadores ou é interpretada apenas como "brincadeiras de mau gosto", atribuídas à juventude. Portanto, é essencial e necessário esclarecer as razões subjacentes a essas explicações simplistas, haja vista que a natureza das ações violentas pode mais facilmente justificá-las do que ajudar a eliminá-las do ambiente educacional. Ainda, propomos a seguinte indagação, responsável por nortear a pesquisa: Um programa de intervenção educativa pode empoderar crianças e reduzir o bullying escolar? Para tentar responder esta pergunta, lançamos como objetivo geral: analisar as possíveis estratégias de intervenção para reduzir sua ocorrência e mitigar os efeitos negativos do bullying no desenvolvimento infantil, e como objetivos específicos: a) Identificar as principais formas de bullying que ocorrem durante a infância; b) Descrever os tipos de bullying (físico, verbal, psicológico e cibernético); c) Explorar estratégias de prevenção e intervenção eficazes no combate ao bullying infantil.

Para reduzir significativamente tais entraves na escola, é preciso que intervenções na proposta político-pedagógica dos estabelecimentos de ensino e programas de conscientização sobre a temática sejam apoiados, haja vista que podem reduzir significativamente os casos de *bullying*. No entanto, a falta de recursos e apoio institucional, especialmente quando abordamos o cotidiano de escolas públicas, contribui para um ambiente propício à manutenção das adversidades na realidade escolar brasileira. Consoante ao apregoado, a metodologia utilizada neste estudo se pautou na análise e discussão de referenciais teóricos, leis e uma extensiva pesquisa bibliográfica. Os objetivos da presente pesquisa consistem em buscar soluções acerca da problemática da mitigação do *bullying*, enquanto um fenômeno plurissignificativo, oriundo de uma miríade de fatores que se congregam em um ambiente repleto de pessoas em pleno estágio de desenvolvimento: a escola.

Destarte, o trabalho está alicerçado em duas seções: a primeira, denominada “Por trás das máscaras: da dinâmica do *bullying* às cicatrizes psicológicas”, aborda a problemática do *bullying* enquanto elemento multifacetado, com manifestações que ultrapassam os sentidos até então tidos como predominantes no cotidiano escolar, bem como apresenta suas eventuais sequelas no âmbito físico e psicológico – considerando que a infância é um período de maturação identitária. De modo

análogo, cabe ressaltar que a escola não se limita apenas à promoção da inclusão, abarcando sentidos e personalidades plurissignificativas. Assim sendo, é válido salientar que tal abordagem é necessária para a efetiva busca e discussão teórica a plena compreensão de como a temática supracitada é enxergada hodiernamente.

Na segunda seção do texto, nomeada *Do conflito à conscientização: caminhos para a mitigação do bullying e sua retratação na cultura popular*”, aborda-se a questão do fenômeno no contexto escolar, ressaltando que essa prática não se restringe apenas à violência física. Consoante ao apregoado, busca-se alternativamente a mitigação das práticas supracitadas, municiando assim os educadores com meios efetivos de contornar tais situações em sala de aula, com o uso de histórias em quadrinhos e outras ferramentas de cunho lúdico que promovam o respeito ao próximo e o sentimento de alteridade entre os educandos.

1.1 Metodologia

Para realizar a presente investigação, optou-se pela pesquisa bibliográfica e documental abordando cunho qualitativo na área da Educação, a fim de averiguar a produção acadêmica que trata da problemática do *bullying* escolar e das intervenções educativas para mitigá-lo. Segundo Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica é pautada e alicerçada em material já existente, como livros, artigos científicos e materiais pedagógicos desenvolvidos para mitigar os efeitos das circunstâncias apresentadas. Essa abordagem foi escolhida devido à limitação de tempo para um estudo de campo. Além disso, foram considerados os possíveis obstáculos, como a recusa de alguns participantes e o potencial óbice ao acesso primário dos dados provenientes das instituições de ensino, por tratar-se de uma questão relacionada à gestão educacional municipal. Assim, após avaliar as opções, concluiu-se que a pesquisa bibliográfica e a análise de conteúdo seriam mais adequadas.

Por sua vez, Minayo (1994), fala que a pesquisa qualitativa permite uma compreensão aprofundada dos fenômenos sociais, capturando a complexidade das relações e das práticas educacionais. Esse método envolve a interpretação de textos e documentos relevantes que possam contribuir para o entendimento do estudo em investigação, levando a adentrar em diversas interpretações. Nesse sentido, para conduzir o estudo, selecionamos artigos científicos do Google acadêmico e de revistas para poder compreender a investigação.

2 POR TRÁS DAS MÁSCARAS: DA DINÂMICA DO BULLYING ÀS CICATRIZES PSICOLÓGICAS

O *bullying*, palavra estrangeira sem uma respectiva tradução literal na língua portuguesa, de acordo com o Dicionário Priberam de Português¹, qualifica-se como um “conjunto de maus-tratos, ameaças, coações ou outros atos de intimidação física ou psicológica exercido de forma continuada sobre uma pessoa considerada fraca ou vulnerável”. Ainda corroborando com os dados ora analisados, segundo o que apregoa Fante (2005), a palavra "bullying" tem sua raiz na língua inglesa e tem sido adotada em diversas nações para descrever a intenção consciente de prejudicar e restringir alguém, gerando um estado de constante tensão. Este termo, assim definido, é empregado para abranger todas as formas de violência física ou psicológica deliberada e repetitiva, ocorrendo sem motivo aparente, perpetrada por indivíduos ou grupos de indivíduos contra outros, com o intuito de amedrontar ou ferir os que não conseguem se defender, resultando em grande sofrimento, isolamento social e, em casos extremos, até mesmo no suicídio.

Caracterizar, pois, a violência não é uma tarefa simples devido às diversas formas em que se manifesta e à conseqüente transformação da sociedade ocasionada com o passar do tempo. Este fenômeno evolui paralelamente à sociedade, gerando alterações nas interações entre os indivíduos, sendo assim identificado como um sério problema social. Os valores de respeito, solidariedade e amor estão parecendo ser gradualmente trocados por sentimentos de ódio, intolerância, discriminação e agressividade. Por conseguinte, dadas as suas miríades de manifestações, exterioriza-se de cinco maneiras distintas: a forma verbal, caracterizada por agressões verbais que menosprezam as vítimas; a forma física, que envolve ataques físicos diretos; a forma relacional/racial, que acomete grupos excluídos das demais atividades e convívios comuns aos outros educandos, bem como o uso de insultos racistas para denotar uma infundada característica superior em virtude da raça dos agressores; a forma sexual, que promove ataques misóginos ou homofóbicos; e o *cyberbullying*, que se usa de meios tecnológicos para causar sofrimento às vítimas (DIOGO, 2009). Em decorrência do enunciado, os efeitos advindos de tal prática são extremamente prejudiciais para os que as sofrem, levando ao isolamento, à depressão e, em casos mais graves, até mesmo ao suicídio (SILVA e BORGES, 2018).

A Carta Magna do Brasil, nossa Constituição Federal, promulgada em 5 de outubro de 1988, que representa e alicerça a legislação fundamental do nosso país, assegura a igualdade de todos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, proibindo a presença de preconceitos ou qualquer forma de discriminação. Em seu preâmbulo, faz menção à:

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. (BRASIL, 2008, p. 21).

Ademais, em consonância à Constituição, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que estabelece os princípios de não discriminação de qualquer natureza, valora que nenhum indivíduo será discriminado com base em sua natureza étnica, assegurando, pois, que: Toda pessoa tem todos os direitos e liberdades [...], sem distinção alguma de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou qualquer outra índole, origem nacional ou social, posição econômica, nascimento ou qualquer outra condição. (BRASIL, 1948, cap. 7).

Além disso, o Código Penal, instituído sob o Decreto-Lei número 2.848, de 7 de dezembro de 1940, determina que a ofensa pode resultar em punição de acordo com o artigo 140, conforme redação da Lei 10.741/03, parágrafo 3º:

Art.140. Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro:

Pena de detenção, de 1 (um) a 6 (seis) meses, ou multa.

§3º - Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência:

Pena de reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa. (BRASIL, 2008, p. 281).

Considerando os documentos e dispositivos legais mencionados anteriormente, é garantido a todo cidadão uma existência digna, livre de qualquer tipo de violência, seja física, psicológica ou moral, tanto em relação aos bens materiais quanto em suas expressões simbólicas e culturais. De tal modo que, diante do exposto, há de se fundamentar que a sociedade constrói e transmite valores que nem sempre estão fundamentados nos princípios da democracia, justiça e igualdade. As leis surgiram da necessidade da própria sociedade em proteger a dignidade humana, visando a promoção da igualdade e equidade entre os indivíduos, respeitando a diversidade de características e necessidades de cada sujeito. Isso deve-se aplicar a todos perante os direitos fundamentais, que incluem os direitos individuais e coletivos, os direitos sociais, os direitos à nacionalidade e bem como aos direitos políticos.

Ademais, lançando mão da perspectiva de Waiselfisz (*apud* Santos 2009), há de se considerar que o Brasil é um país violento, haja vista que ocupa o terceiro lugar na lista de países com os mais altos índices de mortes por homicídio e outras formas de violência entre jovens de quinze a vinte e quatro anos. É preocupante notar que enquanto na Espanha ou na Irlanda morre um jovem, no Brasil ocorrem quarenta e oito mortes nessa mesma faixa etária. A complexidade e a polissemia do fenômeno da violência se revelam, já que ele pode assumir diferentes significados dependendo do contexto social, econômico e cultural vivenciado pelas pessoas, refletindo os valores adotados pelas diferentes classes sociais.

Em consonância ao exposto, Santos (*et al.* 2022) também enumera assim outras circunstâncias nas quais os envolvidos nas práticas e ações supracitadas podem desempenhar seus papéis. Muitas das vezes, as características preponderantes para as humilhações reiteradas são aquelas as quais os agressores não querem encontrar dentro de sua própria personalidade. Consoante a isto, com tal perspectiva em mente, as sequelas as quais as vítimas estão expostas

acabam corroborando seu envolvimento em ações de cunho semelhante. Assim, sendo, é válido destacar que:

“É possível também, dividir os envolvidos com o bullying em categorias. Podendo ser o agressor, a vítima, ou agressor-vítima. Neste último caso, o adolescente em questão muda de papel de acordo com a situação, sendo vítima com um grupo ou em um local, e agressor em um enquadramento diferente.” (Santos *et al.*, 2022, p. 876).

A infância caracteriza-se primordialmente como a fase da descoberta, maturação e formação identitária dos indivíduos. Assim, seus reflexos são sentidos ao longo de toda a vida humana, tendo por perspectiva que as experiências desencadeadas ao longo de tal período perfazem um caminho responsável por moldar- nos enquanto cidadãos, sujeitos ativos cientes de seus papéis sociais. Destarte, conforme apregoado por Brentani *et al.* (2011, p. 4), a época supracitada deve ter especial ênfase, de modo que “O desenvolvimento cerebral que permitirá a aprendizagem ao longo da vida se inicia na gestação e tem especial relevância durante a primeira infância.”

As crianças, parcela mais sensível das vítimas oriunda de tais práticas, nem sempre têm consciência do impacto ou repercussão que um ato cruel pode causar na vida de um colega, levando-nos a refletir que o *bullying* surge principalmente de questões sociais, haja vista que a aceitação de tais ações é cotidiana, normalizadas como uma simples "brincadeira" na qual se insulta um colega de classe. Sendo frequentemente enraizada no ambiente doméstico, os pais perpetuam esse comportamento ao zombarem um do outro (nem sempre com um intuito de menosprezar denotativamente o outro), o que acaba resultando na criança se tornando vítima deste tipo de atitude e reproduzindo-a com seus colegas posteriormente.

Assim, de tal modo, todas as ações, condutas e palavras que causam dor ao próximo não devem ser minimizadas como sendo algo meramente "bobo" ou "simples"; considerando que é um assunto de grande relevância, pois indivíduos jovens e adultos vítimas de tais episódios crescem deprimidos. O *bullying* durante a infância e adolescência pode resultar em distúrbios mentais futuros, afetando a capacidade de se comunicar, gerando sentimentos de desvalorização perene e baixa autoestima.

Tendo por base tal perspectiva, cabe ressaltar que uma rede de apoio municiada de profissionais adequados – sejam psicólogos, assistentes sociais, entre outros, – (que historicamente estão em déficit nas instituições de ensino públicas brasileiras), habilitados ao acompanhamento das ações desencadeadas pelas ameaças reiteradas, podem estimular a valorização da autoestima dos estudantes (seja qual for seu papel na relação perpetrada pelas “brincadeiras” maldosas), tendo-a como um parâmetro de avaliação na relação entre a rede de apoio e o surgimento de pensamentos suicidas, ou a mera idealização destes. Assim, quanto mais suporte a criança e o adolescente obtiverem, maior é a sua autoconfiança. Por conseguinte, as práticas de valorização da autoestima levam a uma redução na ocorrência de pensamentos suicidas nas fases de desenvolvimento

posteriores das vítimas (PAIXÃO; PATIAS; DELL'AGLIO, 2018).

Frente aos impactos perpetrados por tais condutas, tanto a curto quanto a longo prazo, na saúde física e mental das crianças, é fundamental que os programas de intervenção sejam priorizados nas agendas das políticas públicas e de pesquisa. A tal perspectiva, cabe ressaltar que estudos de longo prazo têm demonstrado que tanto crianças como jovens que são vítimas das agressões podem desenvolver depressão, enquanto os agressores têm mais predisposição para efetivamente se envolverem em atividades que enalteçam traços violentos, de tal modo que suas atividades psicológicas estão constantemente se debruçando nas consequências dos atos cometidos, o que acomete também as vítimas das ações, marcadas pelo sofrimento causado pelo *bullying* (Ttofi, Farrington, Lösel & Loeber, 2011).

A título exemplificativo, é válido denotar como o modelo de projeto voltado às políticas públicas de superação ao *bullying* tem sido implantado em alguns países, partindo do princípio de que a implementação de intervenções em diversos países ao redor do mundo se desenvolveu e se notabilizou nos anos 90, com uma miríade de ações *antibullying* surgindo, cada um com características que refletem o contexto local ou regional na qual foram desenvolvidos. Na Europa, países como Inglaterra, Portugal e Espanha têm desempenhado um papel significativo no desenvolvimento de modelos de intervenção para a prevenção do *bullying*. Em países extensos como o Brasil, onde a incidência de tais atos é preocupante, ainda há poucos estudos e projetos de intervenção (Pereira, 2015).

Diante disso, ainda conforme o apregoado por Pereira (2015), a chance de envolver as crianças em assuntos que lhes interessam e que fazem parte de suas vidas, especialmente no que tange ao ambiente escolar, consiste em um modelo participativo de ação coletiva, representando, pois, uma novidade nos processos de intervenção, o que pode ter impactos positivos na eficácia das tentativas de reduzir a incidência de *bullying* nas escolas, considerando a relevância do aspecto comportamental e interpessoal na evolução do fenômeno narrado.

O cuidado refletido aos educandos na primeira infância, dos zero aos seis anos de idade, deve ser invariavelmente pautado como prioridade nas políticas públicas de atenção pessoal, bem como no âmbito escolar, com o intuito de fornecer suporte e experiências relevantes ao pleno desenvolvimento individual dos educandos assistidos pela escola. Não obstante, cuidado não é sinônimo de tolher eventuais ações que possam desafiar as crianças em ambiente escolar, uma vez que o estresse (decorrente de atividades que os instiguem à resolução de adversidades) é fundamental para um desenvolvimento saudável.

Tal conduta mostra-se palpável à medida que ocorre quando uma criança é envolta em um ambiente desconhecido e experimenta sentimentos de insegurança, medo ou frustração. Caso seja capaz de aprender a lidar com essas situações, pode ajustar seus comportamentos às questões demandadas pelo contexto enfrentado, tendo incentivos para realizá-lo, como por exemplo no observado em redes de apoio, relacionamentos seguros e amorosos – advindos sobretudo do núcleo familiar –, entre outros, ela poderá desenvolver gradualmente sua autonomia. Em contraposição,

condutas nocivas reiteradas tendem até mesmo a retardar o desenvolvimento adequado em crianças e adolescentes, como evidenciado a título ilustrativo dos casos de *bullying*. Com base em tal perspectiva, cabe ainda salientar que:

O estresse prolongado, ininterrupto ou repetitivo, entretanto, leva à desregulação no sistema neuroendócrino, causando danos ao organismo, podendo ser chamado de estresse “tóxico”. Crianças que crescem em ambientes desfavoráveis, expostas à negligência, abuso ou maus-tratos, por exemplo, possuem quantidades mais elevadas de cortisol. Estudos demonstram o efeito do estresse nocivo no cérebro em desenvolvimento, podendo alterar a formação de circuitos neuronais, comprometer o desenvolvimento de estruturas como o hipocampo (região cerebral essencial para a aprendizagem e memória) e retardar o desenvolvimento neuropsicomotor. (Brentani *et al.*, 2011, p. 6).

A família e a escola desempenham papéis fundamentais no desenvolvimento humano nas sociedades contemporâneas. É crucial, pois, implementar políticas que promovam a integração entre esses dois ambientes, reconhecendo suas diferenças e semelhanças, especialmente em relação aos processos de aprendizagem e desenvolvimento. Tal abordagem, não obstante, diz respeito não apenas ao que seja relativo aos alunos, mas também a todos os indivíduos envolvidos. As crianças, dado o seu estado perene de desenvolvimento, tendem a reproduzir os costumes adquiridos no seio de sua residência em outros ambientes. Analogamente, de acordo com o apregoado, Silva e Borges (2018, p.12) mencionam que as escolas têm um papel crucial na luta contra o *bullying*, haja vista que afinal, dada a relação de convívio entre educadores e estudantes, o contato prolongado possibilita a identificação desse tipo de violência.

De tal modo que se porventura veem violência, inevitavelmente em um contexto análogo, acabam reproduzindo o comportamento testemunhado anteriormente. Diante da perspectiva assinalada, conforme destacado por Barros (2014, p. 7) “As atitudes, os comportamentos que as crianças vêm de seus pais conseqüentemente serão o mesmo que eles terão quando crescerem. A família é um reflexo um espelho para as crianças. Por isso um bom exemplo em casa é o que ecoa por toda a vida”.

Assim, é importante ainda destacar que muitas vezes o *bullying* escolar pode passar despercebido pelos responsáveis pela criança ou adolescente, seja por um lado devido a desatenção em qualquer ambiente, ou, por outro lado, eles também podem não comunicar essa situação aos adultos por diferentes motivos, como o receio de sofrer ameaças dos agressores para que fiquem calados e não exponham as situações vivenciadas, o constrangimento do que estão passando, o medo da falta de compreensão por parte dos adultos, até mesmo represálias dos agressores caso o problema seja revelado. Também pode ocorrer que as vítimas de *bullying* tentem, inconscientemente, proteger os adultos que consideram emocionalmente frágeis. Isso acaba levando os adultos a subestimarem o sofrimento psicológico causado pelos constrangimentos advindos das circunstâncias vivenciadas na escola, levando os responsáveis a minimizarem a

situação.

De acordo com Ttoffi *et al.* (2011), uma criança que sofre *bullying* mais precocemente, tal qual no Ensino Fundamental, somente a título ilustrativo, tem quatro vezes mais chances de cometer suicídio na adolescência. Tal perspectiva assinala que isso pode ser entendido como decorrente de um quadro depressivo que tende a persistir e se desenvolver na idade adulta. Em algumas situações, a criança pode se sentir responsável pela agressão recebida. Esses casos, de acordo com o apregoado pelo autor, representam uma forma de defesa psíquica inconsciente, especialmente quando já existe uma relação afetiva entre a vítima e o(s) agressor(es). Sentir culpa, pois, permite à vítima, de alguma maneira, buscar preservar afeto de forma inconsciente pelos agressores e o afeto que esperava receber deles.

Depreende-se, então, que o *bullying* na escola pode ser um trauma para as crianças e adolescentes que também não participam ativamente das ações, mas que apenas testemunham as agressões. Geralmente, as testemunhas ficam passivamente observando a cena, sem interferir nas provocações, o que pode fazer com que a vítima se sinta responsável pela agressão e aumente a sensação de impunidade do agressor.

Nesses casos ainda conforme o que é defendido por Ttoffi *et al.* (2011), pode haver um movimento inconsciente de identificação com a vítima, sendo as testemunhas adiestradas a não contrariarem os agressores. Tal perspectiva revela uma pedagogia macabra, resguardada a manutenção das ações de modo perene, em que as vítimas, agressores e testemunhas mudam, mas as cenas se tornam corriqueiras.

3 DO CONFLITO À CONSCIENTIZAÇÃO DO BULLYING

O *bullying* tem recebido grande destaque nos meios de comunicação hodiernos devido às suas várias vítimas, e, sobretudo, devido às ações perpetradas pelos agressores. Assim, o fenômeno tem angariado cada vez mais espectadores e causado danos em muitas pessoas no cotidiano, apesar de o aumento na conscientização sobre os efeitos negativos que a prática pode ter sobre os acometidos por ela, tanto em curto quanto em longo prazo. Com a disseminação das mídias sociais e a conectividade *online*, o *bullying* não se limita mais apenas ao ambiente escolar, o que amplifica e potencializa seu impacto e alcance.

Publicações e obras artísticas que estejam intrinsecamente atreladas ao público infante juvenil também são excelentes meios para a promoção de valores caros à sociedade contemporânea. As histórias em quadrinhos, séries televisivas, filmes e desenhos animados são elementos cruciais para perpassar conceitos às novas gerações. Diante de tal perspectiva, consta salientar – tal qual o defendido por Cunha (2012) – o quadrinho não é apenas uma forma de entretenimento, mas também uma maneira de narrar a história. Normalmente direcionadas para um público específico, como o infante-juvenil, essas publicações se destacam pela linguagem simples, sem comprometer a precisão dos fatos históricos. Mesmo com uma linguagem acessível, o objetivo

do quadrinho é sempre apresentar um evento histórico sob uma perspectiva já estabelecida. A produção de quadrinhos históricos vem evoluindo a cada ano, resultando em narrativas cada vez mais refinadas.

Os veículos de comunicação têm se esforçado para abordar diferentes formas de protesto a fim de reduzir essa forma de violência. No entanto, não basta apenas divulgar comerciais, notícias ou tratar dessas questões em novelas. O combate a violência deve começar em casa, na escola e na sociedade, com a conscientização dos pais, filhos, irmãos, professores e diretores. Somente dessa maneira poderemos trilhar um futuro sem tolerância à violência, livres de vítimas e agressores na comunidade. É fundamental que haja um esforço ainda maior por parte dos pais dos agressores e das vítimas para dialogar amplamente sobre o tema e assim prevenir que a presença de pessoas de má índole corrobora com o quadro supracitado.

Destarte, consoante ao apregoado por Hamze (2014, p.1):

Trata-se de um problema complexo e de causas múltiplas. Portanto, cada escola deve desenvolver sua própria estratégia para reduzi-lo. A única maneira de se combater o bullying é através da cooperação de todos os envolvidos: professores, funcionários, alunos e pais. As medidas tomadas pela escola para o controle do BULLYING, se bem aplicadas e envolvendo toda a comunidade escolar, contribuirão positivamente para a formação de costumes de não violência na sociedade.

De acordo com Martins (2005, p. 403), considerando a natureza grupal do *bullying*, há de antemão a plena necessidade de os programas de prevenção da violência escolar focarem mais nos grupos, ou até mesmo em ambientes de uso compartilhado, como no caso das escolas e turmas; do que nos indivíduos de modo isolado. Além disso, a diversidade de manifestações do *bullying* – dadas as suas múltiplas formas de apresentação, seja físico, verbal ou indireto – ressalta a importância de que as estratégias de intervenção ou prevenção levem em conta o tipo específico de *bullying* que desejam combater, abatendo a prática com a qual a escola tenha mais problemas, não menosprezando as demais formas de manifestação detectadas no âmbito escolar.

Consoante ao exposto, assim, antes de tomar qualquer ação diante do problema enfrentado no ambiente escolar, é de extrema importância identificar precocemente a questão, ainda antes que ela se instale entre todos os atores envolvidos na manutenção das ações violentas. Para isso, é essencial estabelecer uma relação de confiança entre aluno e professor, manter um diálogo aberto e eficaz, fomentar a pesquisa e debates sobre o tema, e adotar medidas de intervenção quando necessário, como a designação de profissionais qualificados para exercerem o papel de escuta ativa e constante, auxiliando assim, no âmbito escolar, na promoção de uma cultura de paz.

De acordo com o apregoado por Silva (2013), um Conselheiro Educacional Familiar tem por dever apoiar o aluno em seu desenvolvimento através de técnicas, tais como o aconselhamento pessoal e escuta. Portanto, dadas as suas idiossincrasias, o papel do Conselheiro é conhecido por melhorar os relacionamentos, orientar, apoiar, encaminhar e promover a reconciliação entre as pessoas, características indispensáveis ao pleno convívio social entre os sujeitos. Vale ressaltar,

pois, que; no processo de aconselhamento, a comunicação desempenha um papel fundamental, uma vez que é por meio do diálogo e da confiança estabelecida entre conselheiro, vítima e agressor que se cria um ambiente propício para a manifestação das questões subjacentes ao comportamento agressivo ou passivo.

4 CAMINHOS PARA A MITIGAÇÃO DO *BULLYING* E SUA RETRATAÇÃO NA CULTURAPOPULAR

É fundamental reduzir o *bullying*, sendo essencial para tanto introduzir práticas educativas no ambiente escolar. Em seguida, é preciso envolver as famílias dos agressores e das vítimas. Para implementar tais práticas, é necessário adotar estratégias que englobem professores, alunos, funcionários e familiares. Um ponto de partida são palestras ministradas por psicólogos para conscientizar alunos e pais sobre o *bullying* e suas possíveis consequências. Posto isso, é válido ainda salientar que o diálogo representa uma das práticas pedagógicas mais importantes que os profissionais da educação devem incluir em seu dia a dia, conversando com os alunos sobre o *bullying*, a fim de promover avanços positivos e capacitá-los a lidar com esse problema. Essa abordagem pode contribuir para a redução dos casos de *bullying* nas escolas. O *bullying*, como forma de agressão, é mais comum nas escolas e, portanto, é essencial que as escolas envolvam os pais na vida escolar, compartilhando informações relevantes e buscando uma maior conexão entre a realidade dos pais e dos filhos, analisando os fatores que podem estar contribuindo para o *bullying*. Essa prática pedagógica promove a melhoria do desempenho acadêmico dos alunos, aumentando seus resultados escolares e ajudando a identificar as causas do *bullying* nas vítimas.

A escola, enquanto ambiente e instituição de ensino desempenha um papel crucial na vida de todo indivíduo, proporcionando o desenvolvimento da comunicação e, por meio dos educadores, orientando a mediação do conhecimento, promovendo a interação entre pais e escola. É uma combinação de fatores essencial para a adoção de práticas pedagógicas eficazes, que resultam em benefícios palpáveis para os estudantes, contribuindo para seu progresso, bem-estar e impedindo o aumento de casos de *bullying* e outras formas de violência. Dessa maneira, é possível resolver as questões que surgem no ambiente educacional. A violência nas escolas é compreendida a partir de uma perspectiva pedagógica, buscando estratégias para lidar com os problemas observados, incluindo as atitudes e comportamentos dos alunos, que podem levar à categorização e manifestação de diversas formas de violência e prejuízo ao próximo. Diante de tal cenário, conforme destacado por Tiba (2006):

Devemos lembrar sempre que pais e escolas deveriam ser parceiros. Cada um com seus princípios educativos. Pais, com coerência, constância a consequência, e a escola com a consequência educativa progressiva são princípios, mas complementares na construção cotidiana. (TIBA, 2006, p.148).

É possível salientar que a sociedade e as instituições têm empreendido esforços na busca de estratégias eficazes para contornar e mitigar esses efeitos, com a mídia desempenhando um papel crucial (seja na sensibilização das nocivas práticas do *bullying* ou até mesmo na sua espetacularização) e na educação sobre o tema. Assim, no que tange à representação do *bullying* na mídia, as séries televisivas emergem como ferramentas poderosas para a discussão e conscientização acerca desse problema. Um exemplo emblemático dessa abordagem é a série "13 Reasons Why", baseada no livro homônimo de Jay Asher, uma vez que a obra explora a vida de Hannah Baker, uma adolescente que comete suicídio após ser vítima de *bullying* severo, abordando de forma explícita as diversas manifestações decorrentes de patologias psicológicas, atreladas as constantes tentativas de humilhações que a personagem se encontrava submetida, incluindo assédio sexual, *cyberbullying* e pressão emocional. A representação de Hannah Baker ilustra claramente os efeitos psicológicos devastadores que o *bullying* pode acarretar, incluindo depressão, ansiedade e, eventualmente, uma sensação de desespero que culmina no suicídio. Apesar das controvérsias geradas, inegavelmente a série contribuiu de modo significativo para aumentar a conscientização sobre a gravidade do *bullying* e a necessidade de intervenções eficazes, principalmente no ambiente escolar – local com uma das maiores incidências das práticas relatadas.

Na primeira temporada, a narrativa apresenta a história de uma jovem de 17 anos que transmite uma importante mensagem: a necessidade de ser cauteloso para evitar que atos impensados se tornem públicos devido ao uso das redes sociais. No enredo, um incidente de estupro coletivo ocorre após um grupo orquestrar uma situação em que a garota seria embriagada e abusada sexualmente, transformando sua vida íntima em um espetáculo público. Num instante, o mundo se transforma e a vítima se vê exposta, sofrendo desde humilhações a palavras negativas das pessoas as quais lhe eram mais caras. Mesmo sendo retratada como bela, amigável, solidária, boa filha e aluna dedicada, a personagem se vê enredada numa trama armada por seus colegas escolares, os quais gradualmente a incomodavam. A protagonista do filme era uma jovem bela, amável e leal, uma boa filha e aluna exemplar, alcançando boas notas e sempre se esforçando para ser uma amiga íntegra.

No entanto, infelizmente, ela acabou caindo em uma cilada tramada por seus colegas de classe, que gradualmente começaram a fazer brincadeiras com ela todos os dias. Com o passar do tempo, a tristeza invadiu o seu coração, até que se viu completamente isolada e sendo alvo de piadas e zombarias constantes. Qualquer ação dela era motivo de ataques verbais, e os rapazes só se aproximavam dela para falar mal depois. Ela reagia com arrogância e determinação para se proteger, buscando forças para resistir a todas as provocações. Mesmo que aparentasse força e coragem, ela estava sofrendo por dentro. Chegou a gravar algumas fitas denunciando os atos violentos praticados contra ela, deixando essas gravações para um colega de classe como forma de revelar a verdade por trás de tudo que aconteceu. Entretanto, todos os esforços foram em vão, uma vez que o *bullying*, isto é, as consequências do *cyberbullying* perpetrado por seus colegas, mostraram-se mais poderosas do que a jovem. As agressões e violências virtuais provaram ser

avassaladoras, resultando em mais uma vítima e deixando os pais desamparados após seu trágico ato de suicídio. Como filha única, ela recebia todo o carinho dos pais, e essa história foi inspirada em casos reais.

Dada a multiplicidade de abordagens referentes à temática, é possível representar o sofrimento decorrente das ações incessantes de uma miríade de formas. Assim, outras séries também buscaram caracterizar o tema, como "Glee" e "Degrassi", embora o façam de maneiras distintas. Destarte, como exemplo, "Glee" apresenta personagens que sofrem *bullying* devido a suas diferenças fenotípicas ou de cunho social, sejam elas advindas de orientação sexual, aparência física ou até mesmo ausência de habilidades sociais.

A premissa da série, basicamente, demonstra como esses personagens encontram apoio na música e na comunidade do coral escolar, destacando a importância das redes de suporte e da inclusão na escola.

Na cultura pop, também há de se destacar que os quadrinhos (populares entre crianças e adolescentes) frequentemente abordam o tema de maneira metafórica. Um exemplo clássico é Peter Parker, identidade e o alter ego do Homem-Aranha. Parker é um adolescente tímido e inteligente, frequentemente zombado e intimidado por seus colegas. Embora o *bullying* que ele enfrenta seja relativamente leve em comparação com outros casos mais severos, serve como um ponto de partida para discussões sobre a importância da empatia e da resiliência. Em contraste, histórias como "Carrie", de Stephen King, e sua adaptação cinematográfica, escalonam a representação do *bullying* para casos extremos. Carrie é uma adolescente que sofre *bullying* constante na escola e abuso em casa, cuja humilhação culmina em uma violenta revanche, ilustrando as consequências potencialmente desastrosas do *bullying* não tratado.

Quando uma criança começa a perder o interesse por brincar e sair de casa, é um sinal de que algo pode não estar bem com ela. Afinal, para uma criança, a alegria está na liberdade de brincar e se divertir sem preocupações. Algumas crianças amam tanto brincar e ir para a escola que às vezes até esquecem de comer. Se a criança perde a vontade de brincar, também perde a capacidade de ser feliz e pode começar a viver com medo, chegando até mesmo ao extremo do suicídio. Fante (2005) destaca que:

na maioria das vezes as vítimas sofrem caladas por vergonha de se exporem ou por medo de represálias dos seus agressores, tornando-se reféns de emoções traumáticas destrutivas, como medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais e outras reações que impedem seu bom desenvolvimento escolar. (FANTE, 2005, p. 16)

Conforme estabelecido no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), no capítulo II, que dispõe sobre os direitos das crianças e adolescentes, em seu art. 15, é garantido que a criança e o adolescente possuem o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como indivíduos em desenvolvimento e como detentores de direitos civis, humanos e sociais assegurados pela

Constituição e pelas leis vigentes. A valorização das pessoas com necessidades especiais deve ser constante, todos nós devemos aceitar as diferenças físicas/mentais e oferecer ajuda sempre que necessário, nunca causando impedimentos ou constrangimentos aos portadores de deficiência, visto que a legislação do país reforça a igualdade de direitos e liberdade. Diante dos eventos em diversos países e dos incidentes ocorrendo nas escolas brasileiras, o que antes considerávamos distante agora se torna presente em nosso convívio.

Assim, diante de tais fatos, cabe ressaltar que a mitigação dos efeitos do *bullying* requer uma abordagem multifacetada. Programas escolares de conscientização e intervenção são fundamentais e devem incluir a educação e conscientização, ensinando alunos, professores e pais sobre o que é *bullying* e suas consequências. A intervenção precoce é crucial, sendo essencial identificar e intervir em tais casos o mais cedo possível. Programas de mentoria e aconselhamento têm se mostrado extremamente eficazes. A promoção de um ambiente escolar positivo, inclusivo e de apoio, onde a diversidade é respeitada e valorizada, é indispensável. Além disso, a disponibilização de serviços de apoio psicológico para vítimas e agressores é vital, uma vez que os agressores também podem estar lidando com problemas próprios que necessitam de tratamento. Implementar políticas claras contra o *bullying* e garantir que haja consequências para comportamentos agressivos é fundamental. As escolas devem possuir um protocolo claro para lidar com os incidentes, sejam eles relativos a casos leves e/ou iniciais, bem como casos problemáticos, que devem envolver toda uma rede de apoio às vítimas e aos agressores envolvidos nas ações.

5 CONCLUSÃO

Durante as pesquisas que corroboram o defendido ao longo do presente estudo, explorou-se as causas que levam um indivíduo a vivenciar o *bullying* durante sua infância ou adolescência. Em consonâncias a isso, observa-se que tal comportamento é frequentemente observado em ambientes escolares, mas não unicamente restrito a ele, nos quais as crianças e jovens têm contato com pessoas diferentes de seu círculo habitual, seja em termos físicos, financeiros ou outros. Assim, surgem os comentários maliciosos e humilhações que caracterizam o *bullying*.

Em consonância aos ideais apregoados ao longo do presente trabalho, cabe ressaltar que é de conhecimento geral que realizar as atividades escolares, em se tratando das ações inerentes aos docentes e discentes no âmbito da educação pública, em condições ideais, levando em consideração aspectos socioafetivos como amor e harmonia na escola, juntamente com a colaboração entre escola, famílias e autoridades da sociedade civil, facilita a conquista dos objetivos propostos. Assim, conclusões mais abrangentes evidenciam a diversidade presente na sociedade e na escola, seja ela de ideologias, gênero, raça ou outras áreas, e que deve ser aceita por todos para cumprir a nossa constituição, que define o país como democrático. Reduzir o problema do *bullying* na escola é um desafio árduo e requer a colaboração de todos os profissionais da educação, membros da comunidade escolar, famílias dos alunos e órgãos responsáveis pela promoção de convivência

pacífica nas escolas.

Também é essencial oferecer apoio aos envolvidos nas ações supracitadas, pois trata-se de uma questão social cujos efeitos acarretam danos psicológicos que podem perdurar ao longo de toda a vida. Aqueles que praticam tal conduta costumam estar em situações delicadas, ocultando suas vulnerabilidades e dores, propagando hostilidades e provocando os outros para se sentirem proativos, para atenuar suas relações conflituosas. É frequente que as vítimas, para que cessem os tormentos do grupo que a agridem, acabem por praticá-lo também, como um meio de aliviar o sofrimento causado pela humilhação. De acordo com Pereira *et al.* (2020), tais ações, bem como os efeitos decorrentes dela, só serão plenamente assegurados se a política *antibullying* fizer parte do plano educacional da escola, que vai além do currículo, integrar todas as áreas de apoio da escola às ações propostas, preocupando-se com o bem-estar das crianças. Para tanto, é primordial buscar o incentivo ao diálogo para que os profissionais de saúde possam colaborar efetivamente com a promoção da saúde infantil e a prevenção do *bullying*, identificando assim de forma precisa os casos problemáticos de crianças agressoras ou vítimas de agressões.

Diante de tal perspectiva, cabe salientar que essa problemática, pois, envolve aspectos sociais, financeiros e familiares; assim, buscar ajuda é fundamental para proteger esses indivíduos do risco de desenvolver quadros depressivos, crises de ansiedade, síndrome do pânico, e outros problemas que podem ser intensificados em cenários desafiadores, como as repetidas provocações presentes nas práticas de reiteradas de humilhações. Além disso, é crucial estabelecer diálogo com a família do jovem praticante, que muitas vezes enxerga essas situações de violência como simples brincadeiras entre amigos, diminuindo a importância dos insultos e constrangimentos e ignorando como essas ações podem impactar a vida alheia. Finalmente, o suporte psicológico direcionado aos agressores e às vítimas é um elemento essencial, porém frequentemente negligenciado, nos esforços de combate ao *bullying*, sobretudo no contexto escolar público.

A falta de assistência psicológica apropriada dificulta a identificação e o tratamento das questões subjacentes que alimentam o comportamento agressivo e a fragilidade das vítimas. Disponibilizar serviços de apoio psicológico é essencial para compreender as raízes do *bullying* e para criar estratégias de intervenção personalizadas. Esse acompanhamento pode englobar sessões de aconselhamento individuais e em grupo, programas de mentoria e atividades terapêuticas com o intuito de promover a saúde emocional e melhorar o bem-estar dos estudantes afetados.

Para tanto, conforme o ainda apregoado por Pereira *et al.* (2020), para mitigar os efeitos devastadores de tal prática, é necessário aumentar a importância dos intervalos e atividades de lazer esportivas, repensando o ambiente escolar como um espaço de formação cidadã e crescimento saudável, buscando, sobretudo, fortalecer parcerias oriundas do âmbito escolar com outras entidades, como serviços de saúde, áreas de lazer e cultura, educação artística, e também com a família, para atender às necessidades das crianças em seu pleno desenvolvimento, inclusive em situações críticas e de vulnerabilidade, como o *bullying*. Assim, torna-se fundamental incorporar tais medidas – como o reforço das amizades, estímulo à diversidade por meio de atividades lúdicas e

suporte psicológico adequado – para garantir um ambiente escolar acolhedor e diversificado. Ao adotar essas estratégias de maneira conectada e constante, é possível reduzir de forma expressiva os impactos prejudiciais do *bullying*, favorecendo o desenvolvimento saudável e equilibrado dos alunos.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Rhaysa Carvalho. O REFLEXO DA FAMÍLIA NO COMPORTAMENTO DA CRIANÇA. **Revista Científica Eletrônica FAIT**, [s. l.], 2014. Disponível em: https://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/THCpRARdfgT2Eyw_2014-4-16-21-4-22.pdf. Acesso em: 18 mar. 2024.
- BRENTANI, Alexandra Valéria Maria *et al.* O IMPACTO DO DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA SOBRE A APRENDIZAGEM. **Núcleo Ciência Pela Infância**, [s. l.], 2014. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/crianca_feliz/Treinamento_Multiplicadores_Coordenadores/IMPACTO_DESENVOLVIMENTO_PRIMEIRA%20INFANCIA_SOBRE_APRENDIZAGEM.pdf. Acesso em: 30 jan. 2024.
- CUNHA, Rodrigo Moraes. HISTÓRIA EM QUADRINHO: UM OLHAR HISTÓRICO. **Semana Acadêmica**, [s. l.], 2012. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/historiaemquadrinhomolharhistorico.pdf>. Acesso em: 7 maio 2024.
- DIOGO, Carlos Vila Sandra. **Bullying**. 2008. Trabalho de conclusão de curso (Mestrado em Psicologia) - Instituto Superior Manoel Teixeira Gomes, [S. l.], 2009. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0142.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2024.
- FANTE, C. Fenômeno Bullying: **Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2a ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- HAMZE, Amelia. ABRÁPIA Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/bullying-escolar.htm>. Acesso em: 21 de abr. de 2024.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- PAIXÃO, R. F; PATIAS, N. D; DELL'AGLIO, D. D. Autoestima e sintomas de transtornos mentais na adolescência: variáveis associadas. **Psicologia Clínica e Cultura PsicTeor. e Pesq.** v 34, n 34436. 2018.
- PEREIRA, Beatriz Oliveira *et al.* Prevenção do Bullying no Contexto Escolar: Implementação e Avaliação de um Programa de Intervenção. **XI Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde**, [s. l.], 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282733773_Prevencao_do_Bullying_no_Contexto_Escolar_Implementacao_e_Avaliacao_de_um_Programa_de_Intervencao. Acesso em: 22 mar. 2024.
- SANTOS, ANA PAULA TOPPAN DOS. **A PRESENÇA DO BULLYING NA MÔDIA CINEMATOGRAFICA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Marília, [S. l.], 2009. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Pedagogia/dbulliyngcinemaescola.pdf. Acesso em: 29 mar. 2024.
- SILVA, Clareana Anauê Lorena de Souza e *et al.* O IMPACTO DO BULLYING NO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO DO ADULTO. **Revista Saúde em Foco**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2022/09/O-IMPACTO-DO-BULLYING-NO-DESENVOLVIMENTO-PSICOL%C3%93GICO-DO-ADULTO-p%C3%A1g-874-a-886.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2024.

SILVA, L. O; BORGES, B. S. BULLYING NAS ESCOLAS. 2018. Direito & Realidade, v.6, n.5, p.27-40/2018. Disponível em: file:///home/chronos/u94f2110730322784930d93634e79700c8cb25c32/MyFiles/Downloads/1279-4685-1- PB.pdf. Acesso em: 22 mar. 2021.

SOUZA, Lélia Castro de. Quando o bullying na escola afeta a vida adulta. **Psicopedagogia**, [s. l.], 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v36n110/04.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024.

TTOFI, M. M., Farrington, D. P., Lösel F., & Loeber, R. (2011). **Do the victims of school bullies tend to become depressed later in life? A systematic review and meta- analysis of longitudinal studies.** J Aggress Confl Peace Res, 2011.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela força e resiliência nos momentos mais difíceis, por me guiar e sustentar ao longo de toda esta jornada. Sem Sua presença e proteção, muitas das adversidades enfrentadas ao longo deste caminho teriam sido insuportáveis. A confiança em sua sabedoria e amor incondicional foi a base sólida sobre a qual este trabalho foi construído. Agradeço por cada momento de clareza e por cada inspiração que veio durante os dias de escrita e pesquisa. Sua graça infinita foi o farol que iluminou meus passos e me manteve firme nas horas de dúvida e cansaço.

À minha família, pelo apoio incondicional durante a escrita deste artigo, por acreditarem em mim e estarem ao meu lado em cada passo deste caminho. Vocês foram a âncora que me manteve estável quando as ondas da incerteza ameaçaram me arrastar. A paciência, compreensão e encorajamento de cada um de vocês foram essenciais para que eu pudesse dedicar o tempo e a energia necessários para completar este trabalho. Agradeço pelo amor constante e pela confiança que depositaram em minhas capacidades. Este trabalho é tão de vocês quanto o meu, pois sem o suporte emocional e prático de minha família, este projeto não teria sido possível.

Ao meu amigo Alvaro Antonio Oliveira da Rocha, pela ajuda essencial para a produção do trabalho e pela amizade ao longo dos anos. Sua contribuição foi inestimável, não apenas em termos de apoio prático, mas também pelo incentivo constante e pela disposição em ouvir minhas ideias, oferecendo conselhos valiosos e críticas construtivas. A amizade que compartilhamos ao longo dos anos se mostrou uma fonte de grande força e motivação. Agradeço profundamente por sua generosidade, paciência e pela confiança em meu potencial. Seu companheirismo e apoio foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.